

A VIVÊNCIA ACADÊMICA EM UM SERVIÇO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Marjoriê da Costa Mendieta*
Valéria Cristina Christello Coimbra**
Cristiane Kenes Nunes***
Silvia Alves de Souza****
Marlene Silva Machado*****
Beatriz Antunes*****

RESUMO

Esse artigo objetiva relatar as experiências de acadêmicas de enfermagem vivenciadas no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) através do Programa de Educação pelo Trabalho (PET) para a Saúde/Saúde Mental/Crack, Álcool e outras Drogas. O programa busca qualificar a formação dos futuros profissionais da saúde e é destinado a fomentar grupos de aprendizagem no âmbito da Atenção em Saúde Mental, Crack, Álcool e outras Drogas. Dentro desse contexto, o PET se insere nos serviços de saúde de forma a auxiliar e melhorar a qualidade do serviço prestado aos usuários, familiares e comunidade em que estão inseridos. No CAPS são realizadas diversas atividades, entre elas, grupos de psicofármacos, de artesanato, de atividade física, de alfabetização, de culinária, visitas domiciliares, grupos de familiares, assembleia de usuários, atendimento individual. Estas atividades contribuem no aprendizado dos acadêmicos, proporcionando uma formação cidadã com ampla visão de senso coletivo, percepção de responsabilização e compromisso social.

Palavras-chave: Enfermagem. Saúde Mental. Serviços de Saúde Mental. Assistência em Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos o portador de transtorno mental foi tratado em instituições que tinham como princípio terapêutico o isolamento, eram excluídos, isolados da sociedade e do convívio social, acometidos do que Goffman⁽¹⁾ chamou de “morte social”: desestruturação completa de seus laços de sociabilidade. No final da década de 70 iniciaram os movimentos da reforma psiquiátrica no Brasil, levando a uma intensa discussão e crítica sobre a forma de tratamento nos hospitais psiquiátricos, e a partir disso iniciou-se a luta “por uma sociedade sem manicômios”. Neste contexto, foram criados serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos, como o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

Na proposta atual da Reforma Psiquiátrica, a intenção é desinstitucionalizar e incluir as

pessoas com transtornos mentais nos diferentes espaços sociais. Neste contexto o modelo psicossocial que se encontra em processo de consolidação, tem repercutido na organização e nas intervenções do cuidado oferecido aos usuários dos serviços de saúde mental, pois há uma mudança no foco do atendimento, que deixa de ser unicamente na doença e passa a ser no sujeito em sofrimento psíquico⁽²⁾.

Este modelo psicossocial centrado no cuidado às pessoas em sofrimento se dá a partir de uma rede de serviços substitutivos que viabilizam um cuidado integral no seu ambiente tendo como princípios básicos além de um novo modo de assistência, o investimento na cidadania e mudanças na relação entre profissionais e usuários. A atenção psicossocial está fundamentada no respeito à singularidade dos indivíduos como cidadãos capazes, produtivos e livres⁽³⁾.

*Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Email: marjo.mendieta@ibest.com.br

**Enfermeira. Professora Doutora da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Email: valeriacoinbra@hotmail.com

***Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Email: criskenes@gmail.com

****Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Email: silvia_d_souza@hotmail.com

*****Enfermeira Especialista em Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde e Preceptora do PET- Saúde/ Saúde Mental/ Crack, Álcool e outras Drogas. Email: thiamalenii@yahoo.com.br

*****Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: biaslg@hotmail.com

Neste contexto inovador e criativo, em que se insere um novo modelo de assistência em saúde mental a partir da criação de novos serviços, que tem por característica principal o cuidado, um lugar de prática e troca de diversos saberes. Diante disso, fica clara a importância desse modelo de atenção para aliar a capacidade do próprio serviço e da comunidade em desenvolver ações e recursos que possam articular a existência singular do sofrimento psíquico no meio familiar e social, assegurando-lhes as ações necessárias baseadas e defendidas pelo modelo psicossocial⁽⁴⁾.

A atenção psicossocial requer uma horizontalização do poder⁽⁵⁾. O indivíduo, portanto, passa a ser sujeito da sua existência, discutindo junto a equipe multiprofissional os rumos do seu tratamento, além da sua coresponsabilização na manutenção e gestão dos espaços de cuidado.

Dentro dos CAPS o indivíduo perde o rótulo de doente mental, de incapaz, de improdutivo e passa a ser um sujeito singular, dotado de potenciais que vão além da busca da cura, facilitando a esperança de novos sentidos na vida⁽⁶⁾.

Acredita-se que a partir da desmistificação do ser impossibilitado, e portador da loucura, pelo de um sujeito dotado de capacidades, desejos e autonomia, exista possibilidades de (re)construir uma nova prática na atenção à saúde mental, rompendo de vez com o histórico que marcou muitas vidas por anos através do controle, vigia e punição reveladas no cuidado terapêutico⁽⁴⁾.

Diante disso, faz-se cada vez mais necessário que os profissionais da área da saúde atuantes nestes serviços, sejam capacitados durante sua formação acadêmica para este novo modelo de atenção psicossocial. Na graduação em enfermagem, desde 1949 é obrigatório o ensino da enfermagem psiquiátrica⁽⁷⁾, estando este ensino em constante transformação de acordo com a reforma psiquiátrica, deixando de haver inclusive, estágios em hospitais psiquiátricos, dando lugar aos estágios nos CAPS.

A enfermagem, que visa não somente a cura da doença, mas sim a integralidade do indivíduo, vai ao encontro do que busca o CAPS. Os acadêmicos de enfermagem, ao contrário do que ocorria em estágios nos hospitais psiquiátricos, no qual a atenção ao usuário restringia-se àquele

momento e àquele espaço⁽⁷⁾ passou a ter no CAPS uma visão ampla do usuário, percebendo diversas possibilidades de atuação da enfermagem, tendo a oportunidade de desenvolver atividades como atendimentos individuais e em grupos para familiares e usuários, oficinas terapêuticas, visitas domiciliares, atividade físicas, assembleia de usuários e reuniões de equipe, na perspectiva de viabilizar, dinamizar e diversificar seu trabalho em saúde mental.

Com o objetivo de qualificar a formação dos futuros profissionais da saúde foi criado o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde/Saúde Mental/Crack, Álcool e outras Drogas (PET Saúde/Saúde Mental/Crack) que tem como pressuposto a educação pelo trabalho e é destinado a fomentar grupos de aprendizagem tutorial no âmbito da Atenção em Saúde Mental, Crack, Álcool e outras Drogas. Caracteriza-se ainda como um instrumento de qualificação dos profissionais em serviço para a atenção em saúde mental de iniciação ao trabalho e formação dos estudantes dos cursos em graduação da área da saúde. Dentro desse contexto, o PET se insere nos serviços de saúde mental de forma a auxiliar e melhorar a qualidade do serviço prestado aos usuários, familiares e a comunidade em que estão inseridos.

Diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência de acadêmicas de enfermagem atuantes em um CAPS II através do PET Saúde / Saúde Mental / Crack, Álcool e outras drogas.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de um relato de experiência, o qual retrata as ações de acadêmicos de enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) durante o estágio em um CAPS II através do PET Saúde / Saúde Mental / Crack, Álcool e outras drogas no ano de 2011. A Universidade está buscando amparar as insuficiências que atingem esse CAPS, por meio do PET Saúde/Saúde Mental/Crack, ampliando a gama de contribuições que este programa vem propiciando a esse serviço. Este Programa é coordenado por tutores acadêmicos (professores) e conta com a participação de preceptores

(profissionais dos serviços) e alunos de diversas áreas da graduação como enfermagem, medicina, terapia ocupacional e educação física. Estes realizam estágios em serviços de atenção à saúde mental, sendo os CAPS tipo II, CAPS Álcool e Drogas e Serviço Municipal de Redução de Danos.

No CAPS II são realizadas diversas ações coletivas como grupos semanais de medicamentos, de artesanato, de atividade física, de alfabetização, de culinária, visitas domiciliares, atendimento individual e ainda o matriciamento entre o CAPS e Unidades Básicas de Saúde (UBS) pertencentes à rede local. Estas atividades contribuem no aprendizado dos acadêmicos, proporcionando uma formação cidadã com ampla visão de senso coletivo, percepção de responsabilização e compromisso social, assim como o auxílio ao serviço de saúde.

Participam destes grupos todos os usuários que tiverem interesse, sem restrições e de acordo com a disponibilidade dos usuários em comparecer no serviço. São possibilitados espaços de debate com orientações e informação, promovendo a interação entre os participantes, além de manter vínculos e fortalecer relações atuando na transformação de uma realidade a partir de experiências vivenciadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o estágio no CAPS II percebemos a grande necessidade de estabelecer vínculo entre o acadêmico de enfermagem e o usuário. Deparamo-nos em ocasiões em que fomos recepcionadas por usuários com certo receio, na qual eles argumentavam que não gostariam de conversar com estagiárias, pois quando eles estabeleciam vínculo, o estágio finalizava. Tal fato está relacionado à pequena carga horária do estágio curricular da graduação. Já por meio do PET saúde mental, podemos estabelecer vínculos fortes e de extrema confiança com os usuários, pois nos fazemos presentes semanalmente até o final da graduação.

Já no que diz respeito às atividades disponibilizadas, as oficinas terapêuticas são uma das principais formas de tratamento oferecido nos CAPS, tendo frequentemente, vários tipos. Estas oficinas são atividades realizadas em grupo com a presença e orientação

de profissionais, monitores e/ou estagiários, que desenvolvem vários tipos de atividades que podem ser definidas por meio do interesse dos usuários, das possibilidades dos profissionais do serviço e das necessidades, com o objetivo de estabelecer uma maior integração social e familiar, oportunizando a manifestação de sentimentos e problemas, o desenvolvimento de habilidades corporais, a realização de atividades produtivas, e o exercício coletivo da cidadania⁽⁸⁾.

Um dos principais desafios da Reforma Psiquiátrica encontra-se na exclusão social, um problema que está vinculado ao aspecto econômico e político. Pessoas acometidas de transtornos mentais são com frequência excluídas, através do trabalho, devido às estigmas atribuídos à doença, contribuindo para o desemprego⁽⁹⁾.

As oficinas terapêuticas podem ser oficinas expressivas, oficinas geradoras de renda, e ainda, a oficina no qual destacamos a de alfabetização. Esse tipo de oficina contribui para que os usuários que não tiveram acesso ou oportunidade de permanecer na escola possam exercitar a escrita e a leitura, como um recurso importante na reconstrução da cidadania⁽⁸⁾.

Neste contexto, acadêmicas de enfermagem, participantes do PET Saúde/Saúde Mental, percebendo a necessidade de muitos usuários analfabetos e semi-analfabetos de aprender a ler, montaram um grupo de alfabetização. Este grupo realiza-se semanalmente e conta com a participação de usuários de diversas idades. Por meio deste grupo percebemos a importância que a leitura tem no seu cotidiano e é ainda um fator que interfere na auto-estima deles. Apesar do nível de dificuldade que cada um apresenta em sua singularidade, todos são muito interessados e no decorrer das oficinas é possível perceber a grande evolução no aprendizado da escrita e da leitura.

Embora a falta de experiência com atividades voltadas à educação, e com pouca experiência didática, percebemos por meio dos resultados, que a oficina está sendo eficiente, pois em cada encontro os usuários mostram-se motivados ao conseguirem montar pequenas palavras e/ou frases, sendo muito gratificante e motivador às acadêmicas.

Salienta-se, entretanto, que esta oficina foi realizada por acadêmicas de enfermagem, sem

formação específica para a alfabetização. Com isso, utilizou-se o conhecimento básico de cada uma, para ensinar e incentivar o aprendizado da leitura. Para isso, utilizou-se uma sala no CAPS, que contava com um quadro branco e canetas específicas para o mesmo, mesas e cadeiras, e, além disso, as acadêmicas disponibilizaram aos “alunos”, caderno, lápis e borracha, custeado pelas mesmas, como forma de motivá-los a escrever e realizar atividades de escrita, também fora do CAPS.

Com a falta de preparo para alfabetizar, recorremos à leitura de materiais disponibilizados *on-line*, com dicas de como realizar a alfabetização. Sabemos que o ideal, seria a presença de professores com formação específica para tal atividade, e que nossa maneira de ensinar pode ter sido precária de métodos adequados para tal atividade, no entanto, com a falta deste tipo de profissional no CAPS, tentamos fazer o possível para suprir essa lacuna.

No que abrange o grupo de psicofármacos os usuários verbalizam o andamento do seu tratamento, como estão administrando e se há adaptação às medicações, se estão fazendo o efeito esperado assim como os seus efeitos adversos. Além disso, são discutidas outras demandas de acordo com a urgência de cada um, permitindo que sejam trabalhadas suas angústias e medos.

Contudo, o cuidado produzido pela relação entre equipe e usuário não deve estar restrito à administração de psicofármacos nem à realização de psicoterapias; deve estar além, para se construir novas possibilidades de vida⁽¹⁰⁾.

Dentre os assuntos, os mais abordados são o uso de drogas de membros da família, discussão e brigas com vizinhos ou familiares, controle dos impulsos como forma de melhorar a relação com as demais pessoas e também o preconceito da sociedade em relação a usuários do CAPS.

A vivência desta atividade para as acadêmicas foi de extrema relevância, pois possibilitou uma maior aproximação aos usuários. Este grupo proporciona a eles abertura para falarem, desabafarem e se sentirem seguros e acolhidos em um local, em que todos passam por dificuldades semelhantes, e as acadêmicas em conjunto com os profissionais do CAPS, conseguem se aproximar de maneira mais

profunda deles, e adquirem confiança dos mesmos, fortalecendo cada vez mais o vínculo usuário-acadêmico.

Ressalta-se, entretanto, que este é um desafio para as acadêmicas de enfermagem, visto que é um momento em que relatos de situações incomuns podem ocorrer, e cabe ao profissional e às acadêmicas presentes, agir de maneira adequada, equilibrada, buscando sempre, promover o cuidado terapêutico para o usuário, por meio de suas ações. Ressalta-se ainda que este é um momento rico para as acadêmicas, que aprendem por meio da vivência, a como se portar e agir frente as diversas situações relatadas pelos usuários.

É importante enfatizar que todas as atividades realizadas pelas acadêmicas são supervisionadas por um tutor do PET Saúde/Saúde Mental, que se trata de um profissional deste CAPS, neste caso, uma Enfermeira com vasta experiência em saúde mental.

De modo geral, a realização de grupos, torna a prática cotidiana do CAPS mais terapêutica, uma vez que, permite aos participantes compartilharem suas experiências, o fortalecimento de vínculos, sendo também um espaço que propicia a escuta e orientações.

A utilização de grupos para propiciar abordagem aos usuários, fortalecimento de vínculo e acolhimento possibilita uma performance interdisciplinar condizente com a prática recomendada. Diante disso, o cuidado oferecido neste espaço em grupos deve ganhar espaço nos serviços da rede de atenção, pois se trata de uma ação relevante no planejamento de intervenções, permitindo resultados positivos no acompanhamento de diversos agravos e doenças⁽¹⁰⁾.

Muitas vezes o usuário chega ao serviço angustiado devido a problemas que não conseguem enfrentar no seu cotidiano, ali eles são ouvidos e recebem o auxílio de acordo com sua necessidade. Os usuários dividem suas experiências, muitas vezes outros membros do grupo também passam ou passaram pela mesma experiência, ajudando-se mutuamente, relatando as situações vividas.

Também é exposto ao usuário que ele deve se responsabilizar pelas suas atitudes e que ele é quem define os acontecimentos do seu cotidiano, assim sendo, o mesmo assume o papel de

protagonista de sua vida, podendo a partir disso elencar as suas prioridades e tomar as suas decisões.

O CAPS tem demonstrado efetividade na substituição da internação, por oferecer um tratamento que não isola os pacientes de suas famílias da comunidade, mas os envolve no atendimento com a devida atenção necessária, apoiando e ajudando na recuperação e na reintegração social do usuário, incorpora na sua prática cotidiana um cardápio variado de atividades, as quais devem ser ofertadas para os usuários do serviço conforme as suas afinidades e necessidades⁽¹¹⁾.

A atenção que se prioriza nestes serviços e orienta o trabalho dos profissionais vai muito além do conhecimento técnico, dos saberes adquiridos nas academias, visa a reabilitação psicossocial, o investimento dos sujeitos, há de se ter um olhar voltado para as necessidades daquele indivíduo, ter habilidades para ouvir e entender as necessidades das pessoas, tomando como ponto de partida a sua história de vida⁽¹²⁾.

Neste sentido, ao proporcionarem espaços como estes, permite-se aos usuários desfrutarem de momentos de acolhimento e de compreensão dos seus conflitos internos e externos experimentados por cada um. Ao mesmo tempo, em que se busca explorar vivências a fim de se obter algum alcance terapêutico para lidar com tais situações contribuindo assim para a saúde dos sujeitos⁽¹³⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os serviços inseridos na lógica do modelo de atenção psicossocial se constituem de forma diferente; é dinâmico e inovador, pois visa o cuidado em liberdade e uma relação mais horizontalizada entre usuários e profissionais. Para tanto os projetos de cuidado no CAPS, devem superar o modelo excludente, estimulando os usuários a participarem das decisões acerca de seu tratamento, respeitando sua dignidade e os direitos de cidadania.

No que diz respeito ao PET, este reforça o senso crítico dos alunos frente às contribuições de uma terapêutica não manicomial, da horizontalidade das relações e a participação ativa do usuário tratamento. Priorizando atividades que possibilitem a reinserção social e o acesso aos serviços de saúde. Essas práticas auxiliam na reabilitação como também o resgate da autonomia do usuário, colocando-o como principal ator e responsável pelas mudanças que ele quer para sua vida. Para que sua autonomia ocorra é necessária uma série de esforços por parte do sujeito e da equipe que cuida. Por isso a importância de levar em consideração os objetivos que queremos atingir quando nos propomos a ajudar uma pessoa com sofrimento mental na sua reabilitação e sociabilidade com sua família e comunidade.

THE ACADEMIC EXPERIENCE IN A PSYCHOSOCIAL ATTENTION SERVICE: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

This article aims reporting the nursing academic experiences faced at the Center of Psychosocial Assistance (CAPS – in Portuguese) through the Work Education Program (PET) for Health / Mental Health / Crack, Alcohol and other Drugs. The program aims qualifying the preparation of future health professionals and is developed in order to help learning groups focused on Mental Health Attention, Crack, Alcohol and other Drugs. Within this context, the PET is present in health services in order to help and improve the quality of the service offered to users, families and the community in which these people live. At CAPS, several activities are performed, including psychotropic groups, craftwork, physical education, literacy, cooking, home visits, family groups, users' groups, and individual assistance. These activities contribute in the experience of the students, providing some citizen training with a broad vision of collective sense, perception of accountability and social commitment.

Keywords: Nursing. Mental Health. Mental Health Services. Mental Health Assistance.

LA VIVENCIA ACADÉMICA EN UN SERVICIO DE ATENCIÓN PSICOSOCIAL: RELATO DE EXPERIENCIA

RESUMEN

Este artículo tuvo el objetivo de relatar las experiencias vividas por académicas de enfermería en el Centro de Atención Psicosocial (CAPS) a través del Programa de Educación por el Trabajo (PET) para la Salud/Salud Mental/Crack, Alcohol y otras Drogas. El programa busca calificar la formación de los futuros profesionales de la

salud y tiene por objetivo fomentar grupos de aprendizaje en el ámbito de la Atención en Salud Mental, Crack, Alcohol y otras Drogas. Dentro de este contexto, el PET se inserta en los servicios de salud de forma a auxiliar y mejorar la calidad del servicio prestado a los usuarios, familiares y a la comunidad en la cual se encuentran. En el CAPS son realizadas diversas actividades, entre ellas, grupos de psicofármacos, de artesanía, de actividad física, de alfabetización, de culinaria, visitas domiciliarias, grupos de familiares, asamblea de usuarios, atención individual. Estas actividades contribuyen para el aprendizaje de los académicos, proporcionándoles una formación ciudadana con amplia visión de sentido colectivo, percepción de responsabilización y compromiso social.

Palabras clave: Enfermería. Salud Mental. Servicios de Salud Mental. Atención en Salud Mental.

REFERÊNCIAS

1. Goffman E. Manicômios, prisões e conventos. 5a ed. São Paulo: Perspectiva; 1996.
2. Mielke FB, Kantorski LP, Jardim VMR, Olschowsky A. Avaliação de um serviço substitutivo em saúde mental. *Cogitare Enferm*. 2009. [citado 2012 set 5]; 14(1):52-8. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/14102/9486>.
3. Dutra VFD. O cuidado oferecido a pessoas que vivenciaram a experiência da desinstitucionalização. *Cienc cuid saúde*. [on-line]. 2011. [citado 2012 set 5]; 10(2):218-25.. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/artic/view/15683/pdf>.
4. Cotta EM, Castro ACHOA, Botti NCL. Oficina bem viver - construção de tecnologias e significados de educação em Saúde na área da saúde mental. *SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Alcool Drog*. [on-line]. 2010. [citado 2014 jan 28]; 6 Esp: 471-92. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v6nspe/07.pdf>
5. Costa-Rosa A. O modo psicossocial: um paradigma das práticas substitutivas ao modo asilar. In: Amarante P. organizador. *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade*. Rio de Janeiro(RJ): Fiocruz; 2003. p. 141-168.
6. Guedes AC. *Trajetórias terapêuticas: os usuários de saúde mental como protagonistas da própria história [dissertação]*. Pelotas (RS): Faculdade de Enfermagem UFPel; 2010.
7. Cortes JM, Kantorski LP, Willrich JQ, Chiavagatti FG. O ensino de enfermagem psiquiátrica e saúde mental sob a lógica da atenção psicossocial. *Cad Bras Saúde Mental* [on-line]. 2010. [citado 2011 nov 21]; 1(3):1-12. Disponível em: <http://www.cbsm.org.br/v1n3/artigos/artigo3.pdf>.
8. Ministério da Saúde (BR). *Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Brasília (DF): MS; 2004.
9. Leão A, Barros S. As representações sociais dos profissionais de saúde mental acerca do modelo de atenção e as possibilidades de inclusão social. *Saúde Soc* [on-line]. 2008. [citado 2012 nov 5]; 17(1):95-106. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v17n1/09.pdf>.
10. Mielke FB, Kohlrausch E, Olschowsky A, Schneider JF. A inclusão da família na atenção psicossocial: uma reflexão. *Rev Eletrônica Enferm* [on-line]. 2010. [citado 2014 fev 6]; 12(4):761-5. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v12i4.6812>.
11. Teixeira Junior S, Kantorski LP, Olschowsky A. O Centro de Atenção Psicossocial a partir da vivência do portador de transtorno psíquico. *Rev gaúch enferm*. 2009. [citado 2012 nov 5]; 30(3):453-60. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/6009/6966>.
12. Kantorski LP. Caminhos para a enfermagem no contexto da reforma psiquiátrica. *Cienc cuid saúde*. 2010. [citado 2012 nov 5]; 9(1):7-8. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/artic/view/10566/5754>
13. Lavall E, Olschowsky A, Kantorski LP. Avaliação de família: rede de apoio social na atenção em saúde mental. *Rev gaúch enferm*. 2009. [citado 2014 fev 6]; 30(2):198-205. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4200/6676>.

Endereço para correspondência: Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Data de recebimento: 25/09/2012

Data de aprovação: 10/03/2014